

CLIPPING



10 de Outubro de 2018

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

The poster has a black background with white and blue text. At the top, 'SEMINÁRIO' is written in white. Below it, the title 'NOVOS DESAFIOS DA PESQUISA, POLÍTICA E ECONOMIA MINERAL: TENDÊNCIAS GLOBAIS E NO BRASIL' is written in large, bold, blue letters. The date '22.11.2018' is in white. Below the date, the location 'Instituto de Geociências – Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP)' is written in white. At the bottom, there are three logos: UNICAMP (a stylized sunburst), ADIMB (a white diamond), and Instituto de Geociências (a stylized 'G' inside a circle).

SEMINÁRIO REUNIRÁ AUTORIDADES E ESPECIALISTAS DO SETOR MINERAL

O Instituto de Geociências da Unicamp e a Agência para o Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (ADIMB) organizarão no dia 22 de novembro o Seminário “Novos Desafios da Pesquisa, Política e Economia Mineral: Tendências Globais e no Brasil”. A descoberta de novos depósitos minerais no território brasileiro, o desenvolvimento tecnológico e inovação no setor mineral, responsabilidade ambiental, social e territorial, melhores canais de comunicação com a sociedade, novos arranjos de governança e o futuro da economia mineral no século XXI são os principais temas a serem abordados no evento.

O Seminário no IG reunirá nomes renomados da política, da economia e da pesquisa mineral. A ideia do evento é atrair profissionais da iniciativa privada, representantes do governo estadual e federal, assim como pesquisadores da academia, incluindo alunos de graduação e pós-graduação, para contribuir na discussão sobre os desafios atuais do setor mineral brasileiro. As vagas são limitadas e as inscrições gratuitas.

Confira a programação no link abaixo:

<https://portal.ige.unicamp.br/sites/portal8.ige.unicamp.br.portal/files/eventos/2018-10/Semin%C3%A1rio%20pdf.pdf>

As inscrições devem ser feitas preenchendo o formulário no seguinte endereço:

<https://portal.ige.unicamp.br/form/inscricoes-no-seminario>



ESTUDO COMPARA SALÁRIOS DE 5 CARGOS EM MINERAÇÃO EM 5 PAÍSES

A renda de um trabalhador da mineração varia muito em função de onde as operações ficam: um trabalhador australiano médio ganha US\$ 46.956 por ano, enquanto que um trabalhador tailandês recebe em média US\$ 3.672 no mesmo período, valor similar ao recebido por um empregado que ganha salário mínimo no Brasil

Essa discrepância fica clara em cinco países nos cinco continentes: China, EUA, Rússia, África do Sul e Brasil. Um artigo da revista Mining Technology analisa cinco das carreiras mais bem pagas em mineração: diretor de operações de perfuração, gerente de campo, engenheiro, geólogo e coordenador de segurança e saúde.

Diretor de operações de perfuração

Uma das carreiras mais bem pagas em mineração é a que apresenta maior variação, com a SalaryExpert, um website especializado em pesquisas salariais, relatando que os diretores americanos recebem em média US\$ 120.217 por ano, em comparação com US\$ 12.215 para funções similares na Rússia.

A indústria de mineração da Rússia é responsável por 5% do PIB do país e por 16% de suas exportações totais, e o país é o maior produtor mundial de diamantes e paládio; ainda assim, os salários de mineração não acompanharam o crescimento da indústria. Com salários de até US\$ 400.000 relatados para alguns diretores de perfuração, os baixos salários russos são ainda mais surpreendentes.

Na China, os diretores de perfuração ganham em média US\$ 86.199, tornando a posição a mais bem paga do país, entre as cinco analisadas. Embora os diretores da África do Sul possam receber uma quantia similar, US\$ 66.713, esse não é o emprego de mineração mais bem pago do país. Apenas a África do Sul e a Rússia têm outras carreiras na mineração com salários médios mais elevados do que os diretores de operações de perfuração.

Gerente de campo

O trabalho de mineração mais bem pago na África do Sul é o de um gerente de campo, com salários que variam de US\$ 91.775 a US\$ 105.895, de acordo com Careers24. As leis do país baseiam-se no princípio do "poluidor-pagador", que exige operações individuais de mineração para cobrir os custos dos danos ambientais causados pela escavação e pagar pela reabilitação ambiental.

A importância dos gerentes de minas qualificados é refletida no salário da posição, que é o segundo maior salário médio dos cinco cargos avaliados, atrás dos diretores de operações de perfuração nos EUA.

Enquanto os gerentes americanos podem esperar ganhar uma quantia relativamente alta de cerca de US\$ 68.665, de acordo com a SalaryExpert, os salários na China e na Rússia são consideravelmente menores, ficando em US\$ 18.218 e US\$ 9.146, respectivamente.

De acordo com a Trading Economics e o Banco Mundial, o PIB dos EUA é quase cinco vezes maior do que o da Rússia, contribuindo para o baixo salário que um gerente pode esperar no país, sendo esta a menos valorizada das cinco carreiras nesses países. Além disso, o estudo não considera o poder de paridade de compra em cada país.

Engenheiro

Enquanto o salário de um engenheiro é a mais alta das carreiras estudadas na Rússia, com uma média de US\$ 15.396, segundo a SalaryExpert, esse ainda é o salário mais baixo de um engenheiro entre os cinco países analisados.

Engenheiros na China ganham, em média, US\$ 32.406, enquanto os sul-africanos podem ganhar entre US\$ 45.049 e US\$ 65.257, segundo a News24.

Tal como acontece com os diretores de perfuração, os EUA oferecem o maior salário médio, ficando em US\$ 86.547, de acordo com Salary.com, e os engenheiros podem esperar ganhar até US\$ 99.224.

Embora os números para toda a indústria brasileira sejam difíceis de obter, os salários da antiga mineradora de minério de ferro estatal Vale estão disponíveis on-line. Os engenheiros da Vale podem esperar ganhar entre US\$ 25.048 e US\$ 26.784, uma soma intermediária que reflete o trabalho em uma mineradora com números significativos de produção.

De acordo com o website LoveMondays, o salário médio de um engenheiro de minas é de US\$ 31.500 por ano, podendo chegar a US\$ 64.000, no Brasil.

Geólogo

Os salários dos geólogos variam muito, tanto entre os países quanto dentro de um país, devido à diversidade do papel que desempenham, seja em amostragem ou análise. Consequentemente, o salário de um geólogo pode variar, só nos Estados Unidos, de US\$ 45.136 a US\$ 112.706, com uma média de US\$ 72.558, segundo a Salary.com.

Os salários no Brasil são ainda mais variados, com a Payscale relatando salários entre US\$ 10.413 e US\$ 151.985, dependendo das responsabilidades do cargo e da experiência do candidato. Segundo o site LoveMondays, o valor médio é de US\$ 30.000, podendo chegar a US\$ 90.000 por ano.

A ampla gama de funções do geólogo também significa que os salários médios não são extremamente altos nem extremamente baixos. O salário médio do geólogo na Rússia é de US\$ 11.932, o salário médio das cinco carreiras estudadas, enquanto a média na China é de US\$ 22.922, tornando-se a quarta quantia média mais alta do país.

Geólogos na África do Sul, no entanto, podem esperar ganhar a mais baixa das cinco carreiras no país, com salários de em média US\$ 36.384. Como os geólogos estão frequentemente envolvidos na

exploração e na identificação de novas reservas minerais, um país como a África do Sul, que já possui vastas reservas, pode não valorizar tanto a carreira como em outros países.

Em 2016, estimava-se que a África do Sul tivesse 95% dos depósitos metálicos do grupo da platina do mundo, 85% das reservas mundiais de cromo e cerca de um quarto das reservas mundiais de manganês, vanádio e zircônio.

Profissionais de saúde, segurança e meio ambiente

Esses funcionários têm a tarefa de garantir que as operações não ponham em perigo os trabalhadores ou os ambientes locais, e são bem pagos em todos os países.

Os trabalhadores de saúde, segurança e meio ambiente são os mais bem pagos nos EUA, ganhando uma média de US\$ 92.390, à frente da África do Sul, onde o princípio do "poluidor-pagador" significa que eles são altamente valorizados, ganhando uma média de US\$ 44.426.

Na Rússia, os profissionais podem ganhar US\$ 11.720, o que está alinhado com os outros salários consistentemente baixos na Rússia.

Os trabalhadores de saúde, segurança e meio ambiente ganham em média US\$ 24.745 na China, o suficiente para tornar a carreira a terceira mais bem paga dos observados, mas talvez seja menor que o esperado.

Isso porque a China é a maior produtora mundial de carvão, com reservas provadas de 114,5 bilhões de toneladas, e seus consequentes altos níveis de poluição do ar poderiam resultar em pedidos por mais -e mais valorizados- agentes ambientais.

Fonte: Notícias de Mineração - Tradução Mining Technology

Data: 01/10/2018



CMOC RECUPERA NIÓBIO EM BARRAGENS

A CMOC Brasil comemora os bons rendimentos na produção regular e a recente recuperação de nióbio presente na barragem de rejeito de sua controlada Niobras. “Analisamos o material da barragem e percebemos que existia potencial, que era viável reaproveitar o rejeito e reprocessá-lo”, explica David Crispim, gerente de Operações da Niobras.

A empresa faz amostras de caracterização, sondagem, estudos geológico, mineralógico e de análise química para atestar a viabilidade da recuperação do nióbio do rejeito. “A partir dos resultados, fizemos um teste na planta Boa Vista. Conseguimos recuperar 40% do nióbio contido, um número extremamente expressivo, ainda mais se pensarmos que é um material que ficaria parado, na barragem, como rejeito”, completa David.

A prática é realizada de maneira intermitente na Niobras, para complementar a produção regular quando necessária. Atualmente a CMOC Brasil visa recuperar 56% de nióbio em sua planta BVFR. A meta do reprocessamento da barragem de rejeitos, na planta Boa Vista é de 40%.

Com a atividade a CMOC torna mais eficiente a recuperação de nióbio, além de potencializar a vida útil da barragem, sem a necessidade de ampliar o espaço ou buscar novas áreas para a disposição de rejeitos, gerando menos impacto no meio ambiente em longo prazo.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 04/10/2018



MVV CONQUISTA AUTORIZAÇÃO DO IMA PARA INÍCIO DAS OBRAS DO PROJETO SERROTE

A Mineração Vale Verde (MVV) deu mais um importante passo à construção da planta do projeto Serrote, instalado entre os municípios de Craíbas e Arapiraca, com o recebimento da Autorização de Supressão Vegetal emitida pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA) de Alagoas.

O documento foi entregue ao engenheiro ambiental da MVV, André Maia, em recente encontro na sede do instituto, em Maceió. Todo o processo para a emissão da autorização passou por acompanhamento no Sistema Nacional de Controle da Origem dos Produtos Florestais (Sinaflor) do IBAMA e análise dos técnicos do IMA.

“Observando todas as condicionantes emitidas de autorização, a Mineração Vale Verde vai poder executar a supressão do que foi solicitado, do que foi autorizado, observando os preceitos legais e as condicionantes impostas na autorização”, destacou Epitácio Correia de Farias Júnior, gerente de Fauna, Flora e Unidades de Conservação do IMA, na ocasião da entrega do documento.

Para a MVV, a autorização reforça o cuidadoso trabalho desenvolvido à execução do projeto e os cuidados com o meio ambiente.

“O recebimento da Autorização de Supressão Vegetal pela IMA marca o início das obras relativas a implantação de um sonho a tempos adormecido, que é a Mina de Cobre da Mineração Vale Verde, empreendimento que trará diversos empregos diretos e indiretos, assim como auxílio no já crescente desenvolvimento da região”, comemorou André Maia.

Fonte: Mineração Vale Verde

Data: 03/10/2018



PERSPECTIVAS PARA O MERCADO BRASILEIRO DE TANTALITA SÃO BOAS, DIZ ESPECIALISTA

O Brasil é o grande foco dos compradores de tantalita do mundo, afirma o especialista Sandro Arruda. Ele ministrou uma palestra sobre o mercado do mineral no Brasil no evento Tantalum 2018, que aconteceu nos dias 25 e 26 de setembro, em Londres, na Inglaterra

"O Brasil, na verdade, é o grande foco dos compradores de tantalita, porque o país não tem áreas de conflito, não tem casos de trabalho escravo. Tudo isso é bem controlado pelo DNPM [Departamento

Nacional de Produção Mineral] e toda exportação é fiscalizada", disse em entrevista exclusiva ao Notícias de Mineração Brasil (NMB) por telefone.

Segundo Arruda, a demanda do mercado de tantalita e columbita deve crescer nos próximos anos, porém as produtoras do país não possuem capital disponível, muito menos tecnologia necessária para melhorar a sua cadeia produtiva.

"O país tem muitas empresas legalizadas de tantalita e columbita. Só que, no entanto, elas não têm o capital e tecnologia disponíveis para melhorar a sua cadeia produtiva. Tem muitos produtores que estão naquele sistema artesanal de produção. O Brasil tem um mercado muito grande a ser explorado", afirmou ao NMB.

Arruda é um consultor brasileiro especializado em minério de tântalo, com foco em exploração, investimentos e exportação. Ele também é consultor de Negócios da Alex Stewart International, da Mineração Varginha e consultor técnico da AWA Minerações, empresa que tem autorizações de pesquisa para tântalo na Paraíba.

Além de Arruda, Itamar Resende, presidente da Sigma Mineração, e Ronaldo Marinho Lasmar, gerente comercial da Mineração Taboca, também apresentaram palestras no evento.

Perspectivas

No evento organizado pela Roskill, foi apresentado as perspectivas do mercado deste ano até 2023. Segundo a Roskill, a oferta total de óxido de tântalo (Ta₂O₅) será de 6,321 milhões de libras em 2018, sendo a África responsável por 42% e América do Sul com 16%.

A empresa estima que 32% vêm de fontes secundárias, como sucata. Para 2023, quando a oferta pode atingir 7,883 milhões de libras, o cenário muda consideravelmente, com a Austrália assumindo posição de destaque, saindo de 3%, em 2018, para 15%. Nesse cenário, a América do Sul ganha em participação e vai a 21%, sendo que a África perde espaço e cai para 24% da oferta total.

Do lado da demanda, a Roskill antecipa pouca alteração de 2018 para 2023. As áreas de capacitores, químicos e aditivos para ligas metálicas que somam atualmente 71%, devem chegar a 74% com destaque para o aumento no uso no setor químico de 18% para 21% em 2023, quando a demanda total deve chegar a 2.786 toneladas de tântalo, saindo de 2.145 toneladas em 2018.

Fonte: Notícias de Mineração

Autor: Alexildo Vaz

Data: 02/10/2018



GRAFITA NO BRASIL: OPORTUNIDADES PARA PROGRAMAS DE EXPLORAÇÃO MINERAL

O mineral grafita (ou grafite), pode ser incluído numa lista apelidada de “substâncias portadoras de futuro” onde se inclui os metais lítio, cobalto, metais do grupo da platina, molibdênio, nióbio, silício (grau solar, pureza 99.99%), tálio, tântalo, titânio e vanádio.

Grafita é uma variedade alotrópica natural do carbono; a outra é o diamante. São substâncias de mesma composição química (carbono) mas organizadas em sistemas cristalinos distintos que se reflete, entre outras coisas, nas suas propriedades físicas. É mineral não metálico muito versátil cujas características são:

condutividade elétrica e térmica elevadas (superiores), inércia química (alta resistência à corrosão), excelente lubrificante natural e ponto de fusão elevado (3.650°C), entre outras.

Há dois tipos de ocorrências comuns: grafita cristalina que ocorrem em terrenos geológicos de alto grau metamórfico e grafita micro cristalina encontrada em terrenos geológicos de baixo grau metamórfico.

Nesse contexto existem três formas naturais de grafita:

- Amorfa (conteúdo de carbono entre 65 e 85%) – pureza mais baixa, preço baixo e tendência de baixa demanda no mercado);
- flake (conteúdo de carbono > 85%) – alta demanda, produto mais procurado pelo mercado;
- lump ou veio (conteúdo de Carbono > 95%) – mercado específico, baixa demanda e crescimento discreto.

Segundo dados do USGS (<https://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2018/mcs2018.pdf>), em 2017 o Brasil ocupou a terceira posição no ranking dos maiores produtores globais de grafita (95.000 TM – Toneladas Métricas) atrás da China (780.000 TM) e Índia (150.000 TM). Nessa mesma publicação, o preço de importação pago pelos americanos (dólar médio por tonelada métrica no porto de origem) foi de US\$ 1400/TM (flake), US\$1800/TM (lump) e US\$ 392/TM (amorfa).

O interesse do mercado da indústria mineral por grafita vem crescendo ultimamente em boa parte pela expectativa de produção de baterias visando a armazenar energia eólica, solar e, especialmente, para atender produção de veículos elétricos e híbridos e aparelhos eletrônicos de uso pessoal (computadores, celulares etc.).

Um aspecto que pode impactar o mercado de grafita é o fato de que o governo chinês ter políticas restritivas para controle de exportações e que deve se tornar mais severa pela “guerra comercial” (medidas protecionistas) deflagrada recentemente pelo EUA contra China.

Segundo a publicação do USGS (acima citada), não há minas de grafita em produção nos Estados Unidos e, no período entre 2013 e 2016, visando a atender demandas de suas indústrias, importaram grafita da China (37%), México (31%), Canadá (17%), Brasil (8%) e outros países (9%).

Os mercados americanos e europeus classificam o mineral grafita como “material estratégico” tanto para a indústria como para propósitos de segurança nacional.

Esse cenário favorece (cria atratividade) para desenvolvimento de programas de exploração mineral com expectativas de gerar novos depósitos, para compensar eventuais restrições do mercado chinês às exportações para atender demandas em ascensão de baterias recarregáveis para veículos elétricos.

Esse contexto estimula uma análise preliminar para avaliar terrenos geológicos com vocação para hospedar mineralizações de grafita no território brasileiro. A base de dados disponibilizadas pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM) permite rastrear registros de cadastramento de ocorrências minerais e dados de geologia básica, a partir da integração e processamento desses dados vetorizados em qualquer plataforma GIS.

O resultado desse processamento a partir de dados de todas as “Cartas Geológicas do Brasil ao Milionésimo” revela 266 registros de ocorrências de grafita no Brasil (classificadas, segundo critérios da CPRM em: 31 depósitos minerais, 230 ocorrências e 5 indícios de mineralização – ver círculos amarelos no mapa da figura publicada neste texto).

Para rastrear as minas de grafita em produção o melhor caminho é acessar os dados de controle de direitos minerários disponibilizados pelo DNPM (Agência Nacional de Mineração) para todos os Estados e Distrito Federal. O resultado desse processamento (visita Sigmine em 10 setembro 2018) identifica 433

processos ativos no DNPM com substância declarada com grafita, dos quais 29 tramitam na fase de Concessão de Lavra.

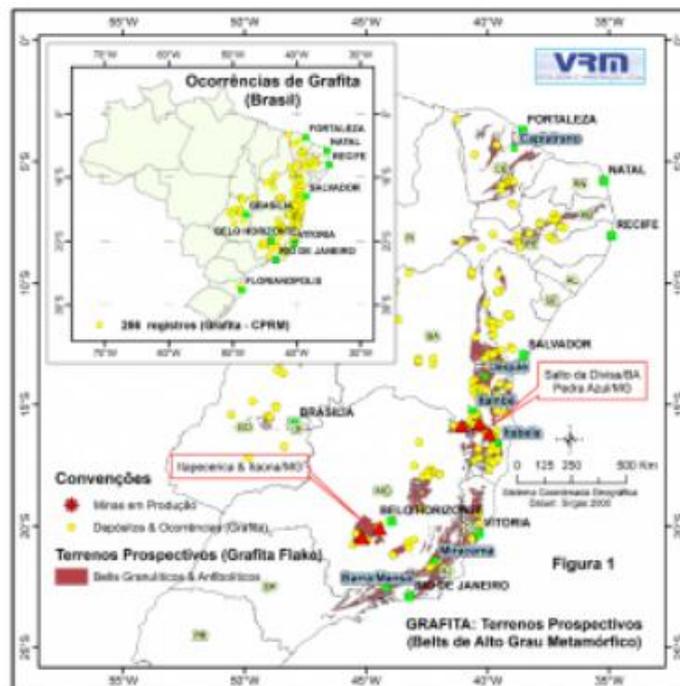
O fato de uma mesma empresa ter processos contíguos na fase de concessão de lavra não permite afirmar que existem 29 minas de grafita em operação; então, o cruzamento dos dados vetoriais referentes aos polígonos que identificam as concessões de lavra com imagem Google (por exemplo) possibilita individualizar cavas/pits, usinas de processamento e barragem de rejeitos.

Todas essas concessões de lavra para grafita estão distribuídas para seis empresas das quais três delas desenvolvem operação de lavra em seis minas (ver figura) posicionadas na divisa dos estados de MG e BA (Pedra Azul/MG – Salto da Divisa/BA) e as outras 3 minas localizadas a sudoeste de Belo Horizonte (Itapecerica e Itaúna/MG).

O posicionamento das minas ativas e a distribuição das outras áreas que tramitam no DNPM em fases de Concessões de Lavra, Requerimentos de Lavra e Relatório Final de Pesquisa Positivos mostram relação com terrenos geológicos caracterizados por alto grau metamórfico (fácies Granulito e Anfibolito).

A partir dessa informação, é possível realizar filtros na base de dados vetorizados, via tabela de atributos dos shapefiles, para identificar unidades geológicas de alto grau metamórfico. O resultado desse processamento permite identificar belts granulíticos (e anfibolíticos) que, conforme mostrado acima, são alvos potenciais para prospectar mineralizações de grafita flake (ou lump) em todo território brasileiro.

Cabe ressaltar que o posicionamento de parte significativa das ocorrências minerais cadastradas pelo projeto da CPRM coincide com os belts de alto grau metamórfico (granulítico & anfibolítico) indicados pelo processamento (filtros) realizados.



Nota: A figura mostra apenas 2 símbolos de minas (triângulos vermelhos) na região de Itaúna pelo fato de as duas minas estão posicionadas muito próximas na região de Itapecerica e a escala do mapa não permite distanciar um dos símbolos.

Ocorrências de grafita posicionadas fora das faixas granulíticas, em boa parte, estão associadas a faixas de rochas caracterizadas por baixo grau metamórfico (fácies xisto verde).

Não temos dúvida de que, em razão da importância estratégica da grafita para a indústria em geral, há ambiente geológico atrativo para desenvolvimento de programas de exploração em extensas áreas com potencial prospectivo.

Justificados os orçamentos (com base em expectativas de mercado e interesse de empresas) o próximo passo é pegar o martelo, a botina e ir para campo. A chance de se alcançar resultados é real (dentro dos riscos inerentes a esse investimento).

Fonte: Revista Minérios e Minerais

Autor: Vitor Mirim

Data: 26/09/2018



HYDRO ALUNORTE SUSPENDE AS ATIVIDADES NO BRASIL

Decisão é temporária e também atinge operações da mina de bauxita de Paragominas e da fábrica de alumínio Albras.

A refinaria de alumina Hydro Alunorte vai suspender integralmente as operações na planta de Barcarena (PA), no Brasil. Conforme comunicado divulgado pela empresa nesta quarta-feira (3), a decisão foi tomada após a empresa constatar que a área de depósito de resíduos de bauxita 1 (DRS1) está próxima de atingir a capacidade máxima, devido ao embargo que impede o uso do equipamento filtro prensa, no DRS2.

Isso terá efeito imediato na mina de bauxita de Paragominas, que também suspenderá 100% das operações. Tanto a Alunorte quanto a mina de Paragominas iniciaram o processo de desligamento com segurança.

Desde março a Alunorte opera com 50% da produção, após embargos de autoridades ambientais brasileiras, que impedira a utilização dessa segunda estrutura. Só para instalar o filtro prensa, a companhia investiu mais de R\$ 1 bilhão.

“O filtro prensa é a tecnologia mais moderna e sustentável para depositar resíduos de bauxita, reduzindo a área de armazenamento necessária e a pegada ambiental. A Alunorte desde o embargo fez esforços sem sucesso junto as autoridades para ter permissão para utilizar o filtro prensa, bem como o DRS2”, informou a Hydro, por meio de nota.

Devido ao embargo, a Alunorte foi forçada a operar apenas o DRS1, que foi originalmente planejado para ser encerrado, segundo a empresa. Com isso, a estrutura está se aproximando do fim da vida útil mais rápido do que o previsto, forçando a Alunorte a encerrar temporariamente as operações.

“Nosso time tem trabalhado duro nos últimos sete meses para manter operações seguras e preservar empregos. Este é um dia triste, pois temos a tecnologia mais avançada do mundo para continuar com operações seguras, que estamos impedidos de utilizar. Isso afetará empregos, comunidades, fornecedores e clientes”, destacou o vice-presidente Executivo de Bauxita & Alumina da Hydro, John Thuestad.

De acordo com a Hydro, a empresa está em diálogo com os sindicatos para reduzir as consequências sobre os empregados diretos e indiretos nas duas unidades. A empresa informou que ainda é

cedo para determinar o impacto da decisão, mas que certamente terá consequências operacionais e financeiras significativas. "Continuaremos trabalhando de forma construtiva com as autoridades para suspender o embargo e retomar as operações, a fim de restabelecer a Alunorte como a maior refinaria de alumina do mundo", pontuou Thuestad.

Histórico

As operações da companhia foram afetadas após chuvas fortes nos dias 16 e 17 de fevereiro em Barcarena, que provocaram vazamento de rejeitos do depósito de resíduos de bauxita, de acordo com relatório do Instituto Evandro Chagas. A empresa, no entanto, diz que não houve transbordo ou vazamento e que não há indícios de contaminação.

A Alunorte opera com 50% da capacidade desde o dia 1º de março, após determinação da Justiça, que acatou pedido da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pará (Semas). Conseqüentemente, a mina de bauxita de Paragominas e a fábrica de alumínio Albras também reduziram suas produções em 50%.

Para mitigar os impactos, a refinaria e a mineradora concederam férias coletivas para cerca de mil empregados. Porém, em julho, a Mineração Paragominas precisou suspender temporariamente os contratos de trabalho de 80 empregados e reduzir 175 posições terceirizadas.

No dia 5 de setembro, a Alunorte assinou um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) e um Termo de Compromisso (TC) com autoridades, que permitiriam a retomada das operações.

Fonte: Mineração e Sustentabilidade

Autora: Sara Lira

Data: 03/10/2018



MINERADORA EM MG VAI INICIAR EXPLORAÇÃO DE LÍTIO NESTE MÊS

A mineradora Elektro Lithium Mining vai iniciar os trabalhos de exploração de lítio na região do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, na segunda quinzena de outubro. O projeto tem a coordenação do geólogo João Carlos Cavalcanti, responsável pela descoberta da nova Província Mineral da Bahia

"Vamos iniciar as visitas nas 28 áreas do projeto após a eleição, no dia 15 de outubro. Inicialmente, vamos explorar, conhecer o local e fazer análises químicas", disse Cavalcanti em entrevista por telefone ao Notícias de Mineração Brasil (NMB).

O objetivo do projeto é prospectar as cúpulas dos corpos graníticos (matriz) que deram origem aos corpos pegmatófilos, também conhecidos como "filhos dos granitos", e não as mineralizações associadas a corpos pegmatíticos.

Cavalcanti, principal acionista da World Mineral Resources (WMR), empresa criada em 2010, se associou a um fundo de investimento para criar a Elektro Lithium. Segundo o website Jazida.com, a mineradora tem 30 processos minerários junto à Agência Nacional de Mineração (ANM), todos para minério de lítio na região do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, e no Estado da Bahia. Entre os processos, atualmente, existem requerimentos e autorizações de pesquisa.

A região do Vale do Jequitinhonha abriga também o projeto de lítio da Sigma Mineração, subsidiária da canadense Sigma Resources. No ano passado, Calvyn Gardner, diretor-executivo da empresa, disse que a mineradora deve investir aproximadamente US\$ 500 milhões em lavra e beneficiamento de lítio, a partir de espodumênio, nas cidades de Araçuaí e Itinga. Entre as diversas autorizações de pesquisa da Elektro Lithium, há oito delas também no município de Itinga.

Reinaldo Brito

De acordo com Cavalcanti, o professor de Geologia Econômica da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Reinaldo Brito, vai compor a nova equipe do projeto da Elektro, como também da Província Mineral da Bahia, descoberta no início de setembro.

Brito é pesquisador do Serviço Geológico do Brasil (CPRM) e possui experiências na Ferbasa, na Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM) e na Rio Doce Geologia e Mineração, a antiga Docegeo, da Vale.

Fonte: Notícias de Mineração

Autor: Lucas David

Data: 04/10/2018



NORUEGUESA YARA FECHA ACORDO PARA ASSUMIR 100% DA GALVANI

A disputa judicial entre a norueguesa Yara, uma das maiores empresas de fertilizantes do mundo, e a Galvani, fabricante de nutrientes derivados do fosfato, chegou ao fim com um desfecho considerado pelo mercado positivo para a empresa brasileira.

Na sexta-feira, a Yara anunciou que entrou em acordo com a família Galvani para adquirir 100% das ações da Galvani Indústria, Comércio e Serviços e encerrar uma disputa que já havia levado os antigos parceiros à Justiça.

Com o acordo, a subsidiária da Yara no Brasil, que lidera o mercado local de fertilizantes com 25% de participação, passará a deter 100% de dois ativos que contavam com a participação minoritária dos Galvani: uma unidade industrial em Paulínia, em São Paulo, e o projeto Serra do Salitre, em Minas Gerais, de produção integrada de nutrientes derivados do fosfato.

Pela participação minoritária dos Galvani nesses ativos, a Yara aceitou pagar US\$ 70 milhões em dinheiro ao longo dos próximos três anos, além de um valor adicional condicionado ao desempenho do projeto Serra do Salitre. Este tem capacidade anual de produção de 1,2 milhão de toneladas de fosfato e 1,5 milhão de toneladas de fertilizantes acabados.

“O acordo foi muito importante para a família Galvani. Para a Yara, não muda muita coisa. Na prática, já controlava os ativos e já estava muito bem posicionada no mercado”, disse uma fonte do segmento que preferiu não se identificar.

A Galvani surgiu na década de 1930 em São João da Boa Vista, no interior paulista, como uma indústria de bebidas e empresa de transportes. Foi em 1983 que iniciou em Paulínia a implantação de um dos maiores complexos industriais de produção de fertilizantes do Brasil, envolvendo a fabricação de ácido sulfúrico, superfosfatos, granulação, mistura e ensaque de fertilizantes.

Em 1992, a empresa se instalou em Luís Eduardo Magalhães, no oeste da Bahia, inicialmente com uma fábrica de fertilizantes líquidos. Em seguida, construiu a primeira fábrica de superfosfato do Estado, uma planta de granulação e a segunda unidade baiana de sulfúrico, a única indústria de fertilizantes da região.

Em dezembro passado, três anos depois de vender 60% do capital da empresa à Yara por US\$ 318 milhões —, a família Galvani iniciou uma disputa judicial contra a multinacional, alegando que cláusulas do acordo de acionistas estavam sendo desrespeitadas.

Pelo acordo, os representantes da família Galvani ficariam à frente do projeto após a venda das ações, mas em dezembro de 2017, os irmãos Rodolfo Galvani Júnior e Roberto Galvani foram afastados após acidentes ocorridos nas obras. Após o afastamento dos Galvani da liderança dos projetos, a família entrou com um processo contra a Yara na 2 Vara Empresarial e de Conflitos de Arbitragem de São Paulo, que corria sob sigilo de Justiça.

Conforme informou o Valor em janeiro deste ano, as partes discutiam a proposta de antecipar a opção de compra da Yara dos 40% do negócio que ainda estava nas mãos dos Galvani.

Com a venda de sexta-feira, a Galvani volta a ter praticamente os mesmos ativos que tinha em 1992. A família ficará com as operações na Bahia: uma unidade de produção em Luís Eduardo Magalhães e plantas em Angico dos Dias e Irecê, bem como um projeto *greenfield* em Santa Quitéria. Os ativos serão separados da Galvani Indústria, Comércio e Serviços e passarão ao controle total de uma nova empresa que será administrada pela família.

Esses ativos eram avaliados no fim de agosto em US\$ 95 milhões. O acordo entre Yara e os Galvani terá de passar pelo crivo do Cade.

Desde janeiro fontes que acompanharam de perto os imbróglis já garantiam que o divórcio, claramente um desejo da família Galvani, era só uma questão de tempo — e de valores.

“No fundo, os Galvani já tinham vendido o negócio. Restava receber pelos 40% remanescentes do negócio”, disse uma fonte do setor.

“Esse acordo garante a propriedade total de ativos de produção importantes para a Yara Brasil, complementando nossa ampla capacidade de distribuição e alcançando uma posição ainda mais robusta no mercado brasileiro”, disse Lair Hanzen, vice-presidente executivo da Yara Brasil, em nota.

Fonte: Valor

Autores: Fernando Lopes e Kauanna Navarro

Data: 05/10/2018



AS BATERIAS DE ZINCO-AR PODERÃO VIRAR O JOGO

Elas forneceram energia para 110 aldeias de África e Ásia em seis anos e se mostram uma alternativa às de íon de lítio

De seis anos para cá, 110 aldeias da África e Ásia receberam energia elétrica de painéis solares e de baterias que usam zinco e oxigênio. As baterias são a base de um sistema de armazenamento de energia criado pela NantEnergy, companhia de Patrick Soon-Shiong, empreendedor da área de biotecnologia e cirurgião originário da África do Sul.

Segundo os cientistas da NantEnergy, as baterias são recarregáveis e contribuem para baixar o custo do armazenamento de energia para US\$ 100 o quilowatt-hora. Tal cifra é considerada essencial para a criação de uma grade elétrica isenta de carbono que opera quando o sol se põe e o vento amaina.

As baterias de zinco-ar são uma das várias alternativas em potencial às de íon de lítio, que até agora foram as mais utilizadas para o armazenamento de energia em larga escala e para veículos elétricos.

Quais são as fontes comerciais do zinco?

O dr. Soon-Shiong, cuja companhia adquire zinco da Indonésia, falou da abundância do mineral. Austrália e China têm cerca da metade das reservas mundiais e estão entre os maiores produtores.

Os Estados Unidos têm aproximadamente 5% das reservas mundiais de zinco, e se encarregam de 7% da produção, disse Sri R. Narayan, professor de Química da University of Southern Califórnia.

Segundo ele, as reservas de lítio, um elemento fundamental das baterias de íon de lítio, correspondem a um vigésimo das de zinco, mas acrescentou uma nota de cautela. “Dado o atual volume de produção do zinco, as reservas deste mineral durarão cerca de 25 anos”, afirmou. “Portanto, considerando as reservas disponíveis, não sabemos se teremos zinco suficiente para fazer frente à enorme necessidade que resultará da demanda de baterias em escala de grade”.

O lítio é caro, em parte porque é raro. Além disso, sua mineração também ameaçava a saúde e a segurança dos trabalhadores nas áreas onde era encontrado em abundância, como na República Democrática do Congo. A exposição prolongada ao mineral estava associada à formação de fluido nos pulmões. E as baterias de íon de lítio podem ainda apresentar risco de incêndio.

As baterias de zinco-ar não contêm compostos tóxicos, não são inflamáveis e podem ser descartadas sem riscos, segundo a “MIT Technology Review”. No entanto, a mineração e processamento do zinco apresentam problemas. Isto decorre de um minério que consiste de sulfeto de zinco, produzido, em geral, juntamente com chumbo, cádmio e níquel, disse Narayan. A produção pode aumentar os problemas ambientais gerados pela emissão de vapor de cádmio e dióxido de enxofre.

Quanto custa o armazenamento da energia com as baterias de zinco-ar?

A NantEnergy informou que, a US\$ 100 o quilowatt-hora, o custo das baterias de zinco-ar se compara favoravelmente ao das de íon de lítio, que podem custar US\$ 250 o quilowatt-hora, mas, em geral, custam de US\$ 300 a US\$ 400, segundo Yogi Goswami, diretor do Clean Energy Center da University of South Florida.

Mesmo a US\$ 100 o quilowatt-hora, o armazenamento de energia continua sendo um gasto significativo para a indústria, embora as baterias tenham registrado uma baixa rápida do preço e devam tornar-se comuns, como os painéis solares residenciais, dentro de alguns anos.

As baterias de zinco-ar passarão a ser disponíveis para serem usadas nas residências ou em celulares?

A NantEnergy afirmou que está interessada em pôr no mercado o seu produto para microgrades - matrizes de painéis solares autossuficientes para atender a áreas pequenas - e não em instalações industriais ou consumidores residenciais. Entretanto, a companhia prevê o fornecimento de baterias para uso doméstico.

A NantEnergy pretende acrescentar sistemas de transporte como automóveis elétricos, ônibus, trens e scooters à próxima versão da bateria. E além disso?

“Temos um primeiro protótipo de um rádio móvel”, disse o dr. Soon Shiong. “A densidade da energia da nossa bateria torna isto realmente possível”. “É enorme”, acrescentou, “mas provavelmente a nossa meta será 2020”.

Fonte: Estadão - para The New York Times

Autor: Ivan Penn - Data: 08/10/2018

MULTI-STAKEHOLDERS DEBATEM O PAPEL DA MINERAÇÃO COMO CATALISADORA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Desenhar a mineração do futuro. Esse foi o pensamento que reuniu representantes de empresas mineradoras, de Organizações Não Governamentais (ONGs), de povos indígenas, de universidades, de igrejas e de governos para debater o desenvolvimento integrado e proativo da mineração, com objetivos econômicos, ambientais e sociais compartilhados com a sociedade.

Promovido pelo DPI Mining (Development Partner Institute), o evento foi uma iniciativa da Kellogg Innovation Network (KIN), com o apoio do Nap. Mineração da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM). “Com o DPI agindo como agente facilitador, as empresas puderam ampliar o debate com outros setores para buscarem juntos formas de inovar e catalisar o desenvolvimento econômico, social e regional no Brasil”, afirmou Paulo Henrique Soares, diretor de Comunicação do IBRAM.

Conduzidos pelos diretores do DPI, Wendy Tyrrell e Kulvir Singh Gill, os participantes abordaram os seguintes pilares: “Propósito Compartilhado”; “Ecossistemas de Prosperidade” e “Existência de Empresas, Comunidades e Países Competitivos”. “A oportunidade de reunir vários grupos diferentes para debater temas em comum é ação estratégica para o desenvolvimento territorial. A mineração pode ser uma catalisadora para crescimento econômico e para a melhoria da qualidade de vida de todos que moram nestas regiões”, afirmou Wendy Tyrrell, diretora-executiva do DPI.

Para o pesquisador do Nap. Mineração da USP, Helio Lazarim, o evento contou com a participação intensa dos mais de 60 atores e foi palco de reflexão e exposição de diferentes perspectivas. “O mais importante de todo o processo foi que conseguimos realizar discussões neutras. Isso é importantíssimo para que a mineração possa promover o diálogo e o relacionamento com os diversos stakeholders do setor e, assim, proporcionar as transformações necessárias à indústria”, afirmou Lazarim.

A gerente de comunicação da Anglo American, Mariana Rosa, acredita que grande diversidade de atores sociais possibilitou uma discussão produtiva. “Os diferentes pontos de vista tornaram o diálogo uma importante fonte de aprendizagem para todos nós e um exercício necessário para os avanços que a mineração precisa”, afirmou.

O promotor de Justiça de Meio Ambiente e Urbanismo de Belém, Raimundo de Jesus Coelho de Moraes concorda com a gerente da Anglo American de que o workshop promoveu discussões francas “em busca de oportunidades para a construção conjunta de soluções”. “Foi uma experiência de costura e de entendimentos sobre os conflitos e o campo dos processos de decisão sobre a atividade minerária no Brasil (e no mundo), sob os auspícios do curso de engenharia da UFGM, do NAP Mineração da USP e do IBRAM”, afirmou.

Para João Menezes Neto, da Associação Brasileira de Produtores de Óleo de Palma, o workshop apresentou um aspecto singular e inédito. “Foram construídos diálogos consistentes sob uma visão equilibrada e de longo prazo, que permitirão a formação de legados representativos e autênticos”, afirmou.

O representante dos produtores de Óleo de Palma destacou também que o evento ressaltou para as empresas a necessidade de reposicionamento para intensificar a aplicação de um gerenciamento de riscos sociais mais efetivos e estratégicos. “O resultado é o planejamento de ações com maior foco e pro atividade para diagnosticar as reais necessidades das comunidades envolvidas, a disponibilidade de crescimento de

cada empresa, além das interações com os órgãos reguladores e representantes da sociedade civil, buscando sempre um ponto de convergência e equilíbrio para gerar empregos dignos e desenvolvimento econômico local”, complementou João Menezes Neto.

Já a diretora executiva da Compreender Consultoria, Mônica Maldonado, voltada para responsabilidade social, acredita que o debate “oportunizou, sobretudo, a compreensão dos problemas que caracterizam a relação entre as empresas responsáveis pela implantação e operação dos empreendimentos e as comunidades que coabitam o território e o próprio espaço”. “Entendemos que o movimento de alinhamento conceitual instalado se configura como etapa fundamental para a tomada de decisão sobre as intervenções a serem feitas, sejam elas de caráter emergencial, formativo ou emancipatório. Metas e propósitos demandam diagnóstico e, conforme minha percepção, o formato de trabalho utilizado simulou, e iniciou, um alinhamento necessário entre as diversas áreas internas da empresa. Há que se ‘arrumar’ a casa para então receber os ‘vizinhos!’”, completa.

Entre os dias 18 e 20 de setembro, em Belo Horizonte (MG), participantes de diferentes setores da sociedade puderam expor valores e expectativas para as empresas de modo a ampliar as boas iniciativas já em prática, buscar soluções para problemas atuais e discutir formas para melhorar as visões de longo prazo e as estratégias de desenvolvimento voltadas às organizações e às comunidades em regiões de mineração no Brasil.

Fonte: Portal da Mineração

Data: 04/10/2018



EXPLORAÇÃO, CHINA E CARROS ELÉTRICOS MOLDAM A PERSPECTIVA DO SETOR MINERAL

A atividade de exploração mineral sofre com falta de interesse de grandes mineradoras e investidores. Essa é uma das conclusões do evento “*Global Mining Outlook: What Are the Expectations*” realizado em terça-feira (2), em Londres, pela S&P Global

Os outros tópicos de interesse foram o fim do ciclo de crescimento da indústria mineral, o impacto da indústria de veículos elétricos que aumenta a demanda por novos minerais, a imprevisibilidade do ouro e a possibilidade de a China ampliar o domínio sobre a atividade de exploração mineral.

Exploração

O presidente do conselho da Altus Strategies, David Netherway, disse que a crescente demanda por metais preciosos, especialmente na China, levou grandes mineradoras a tomar decisões que poderiam prejudicar as mineradoras juniores, definidas como aquelas com uma capitalização de mercado entre US\$ 30 milhões e US\$ 40 milhões.

Apesar de a Barrick e a Randgold terem concordado com uma fusão de US\$ 18,3 bilhões, Netherway descreveu a exploração, que é a marca das mineradoras juniores, como a “saída para as juniores agora”.

“[A demanda] da China é enorme, certamente em metais básico e de grande volume [como ferro], isso é um mercado enorme”, disse ele. “Do lado dos metais preciosos, os preços do ouro caíram, os preços das ações caíram, não há dinheiro para as juniores, há uma completa falta de exploração.”

Colin Hamilton, diretor-gerente de pesquisa de commodities da BMO, concordou, dizendo que "as pessoas não querem se comprometer com novos projetos", enfatizando a incerteza e a imprevisibilidade do setor.

"Claro, não cresceu nos 20 anos antes do boom da China. Então, qual é o nível certo? Bem, estamos apoiando uma base de ativos que agora é o dobro do que era em 2000 para muitas dessas commodities, portanto, é necessário manter o capital em ação", diz Hamilton.

Ciclo de crescimento

O painel falou sobre as dificuldades de estabelecer exatamente onde a indústria de mineração poderia ser colocada no ciclo de crescimento positivo e negativo, com Hamilton apontando para uma falta de oferta como evidência de que a indústria já superou o pico de crescimento.

"Estamos provavelmente além do pico do ciclo agora. E ainda assim não vimos o pico [de investimento em novos projetos]. Isso, claro, significa que temos uma falta de oferta no pipeline [de projetos], e não há nada que possa ser feito sobre isso agora, nos próximos dois ou três anos", afirmou Hamilton,

Por outro lado, o gerente de carteira do JP Morgan, Neil Gregson, que por meses descreveu a indústria como "meio ciclo", mas não comentou se o pico ainda havia sido alcançado, foi mais otimista. "Eu vejo isso como um bom sinal, não estamos no pico do ciclo e acho que o interesse retornará", disse ele.

"Se pensarmos no final de 2010, o ciclo estava a todo vapor e, certamente, no final do ano, nas últimas semanas de dezembro, recebíamos telefonemas todos os dias de aumento de capital de pequena capitalização"

Veículos elétricos

O aumento na produção de veículos elétricos (VE) pode levar a mudanças significativas na indústria mineral, conforme aumenta a demanda por minerais como lítio, cobalto e níquel usados na produção de veículos elétricos.

Segundo a Statista, a demanda global por lítio é de 252.653 toneladas de carbonato de lítio equivalente em 2018, mas isso aumentará para 422.614 toneladas até 2025, já que o metal é um componente chave nas baterias que alimentam os veículos elétricos.

No entanto, Hamilton declarou que não haverá uma mudança dramática de curto prazo no mercado desses metais, acrescentando que o níquel teria que chegar a US\$ 20 mil por tonelada, bem acima do preço atual da London Metal Exchange (LME) que é de US\$ 12.760 por tonelada, para que as empresas voltassem a investir significativamente no metal.

Isso foi endossado pelo diretor de ratings corporativos da S&P, Simon Redmond. "No curto prazo, é o investimento de capital que está em risco, as empresas saem e investem pegam uma quantia de capital que ainda não é necessária nos próximos dez anos. Daqui a cinco anos, 25 anos, talvez a história seja diferente, talvez", afirmou.

Imprevisibilidade do ouro

"Não obedece a nenhuma regra hoje em dia", disse Netherway sobre o futuro do metal precioso. O ouro teve um período de relativa estabilidade entre 2013 e 2018, consistentemente valorizado entre US\$ 33.957 e US\$ 44.577 por quilo. Apesar de uma queda para US\$ 42.464 em abril de 2018 retornou ao preço atual de US\$ 38.627, o preço permanece próximo da mediana dos dois extremos registrados nos últimos cinco anos.

Isto apesar do fato de que o primeiro trimestre de 2018 viu a demanda por ouro cair 7% em relação ao último trimestre de 2017, a menor demanda do primeiro trimestre pelo metal desde 2008.

O tom da discussão na S&P foi de otimismo cauteloso. Com animadores, embora não muito convincentes, desempenhos de muitos minerais no último ano, o ouro continua sendo uma anomalia devido à sua consistência e ligeira tendência negativa, em comparação com uma indústria imprevisível e levemente otimista.

"Obviamente, não está acompanhando os preços do petróleo no momento", disse Netherway. "Eu acho que é cíclico; vai voltar, mas quando? Quem sabe?"

Domínio chinês

Netherway também falou sobre a influência chinesa nas operações de mineradoras juniores, dizendo. "A China está se envolvendo no setor em grande escala, especialmente na África, onde está comprando muitas empresas, muitos metais e se envolvendo nos países, tanto politicamente quanto em termos de infraestrutura", disse ele.

As majors agora são responsáveis por 50% da exploração no mundo, e o nível de exploração das juniores é o menor em 16 anos, números que levaram a uma discussão sobre a possibilidade de domínio chinês sobre as principais e pequenas operações de mineração. "Está acontecendo e quanto mais as empresas de mineração do mundo ocidental ficam à margem, eu não vejo essa tendência mudando, particularmente na África", disse Gregson.

Enquanto Gregson não acredita que a inação das empresas ocidentais terá consequências negativas para eles no momento. Mas, no futuro, grandes mineradoras podem perder lucros associados a projetos de exploração. Com as majors tradicionalmente não realizando trabalhos de exploração, os acionistas ocidentais poderiam perder lucros potenciais da exploração se as mineradoras que realizam pesquisa e exploração já forem de propriedade de grupos chineses.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 05/10/2018



VALE AVALIA META DE 100% DE ENERGIA RENOVÁVEL EM SUAS OPERAÇÕES, DIZ FONTE

A mineradora Vale tem avaliado definir uma meta para que toda demanda por eletricidade da companhia seja atendida por meio de energia renovável, o que poderia passar por investimentos em energia solar e eólica, disse à Reuters uma pessoa com conhecimento do assunto.

A estratégia seguiria um movimento de grandes empresas globais que já anunciaram objetivos de usar apenas energia limpa, como Coca-Cola, Facebook, AmBev e outras gigantes.

Atualmente, a companhia já tem cerca de 60 por cento de sua demanda atendida com geração renovável própria, proveniente de usinas hidrelétricas em sua maioria, nas quais possui participação acionária.

"A ideia seria chegar a 100 por cento, com o que falta vindo de energia eólica e solar", disse a fonte, que falou sob a condição de anonimato.

A fonte não disse em quanto tempo a companhia pretenderia alcançar o objetivo.

Os custos com energia elétrica representaram 4,6 por cento do custo total dos produtos vendidos pela Vale em 2017, segundo o formulário de referência da companhia.

A Vale possui um parque gerador com 1,4 giga watt em capacidade, por meio de participação em hidrelétricas e em uma joint venture em geração de energia junto à Cemig, a chamada Aliança Geração, que tem ativos hídricos e eólicos. A empresa ainda é sócia da hidrelétrica de Belo Monte, com 4,6 por cento de participação.

Além da capacidade de geração própria, a Vale também tem demonstrado um forte apetite pela compra de energia eólica e solar em contratos de longo prazo, disseram à Reuters duas fontes do setor de renováveis, que falaram sob a condição de anonimato porque não podem comentar sobre operações de clientes.

“Eles estão, sim, interessados em suprir a demanda com renováveis, com contratos de longo prazo”, afirmou uma das fontes.

“É um movimento que a gente tem visto em grandes empresas. Se você pegar as maiores empresas dos Estados Unidos, elas estão partindo para 100 por cento de renováveis e criando uma meta. A gente tem visto esse movimento começar aqui no Brasil, nas grandes empresas”, adicionou.

A estratégia faz sentido pelo apelo da sustentabilidade, que gera ganhos de imagem para as companhias, e pela forte queda dos custos da energia renovável no mercado brasileiro.

Os últimos leilões do governo para a contratação de projetos de geração tiveram os menores preços já registrados para a energia de usinas eólicas e solares, que ficaram inclusive abaixo dos valores praticados por hidrelétricas, a principal fonte de geração do Brasil.

Em seu formulário de referência, a Vale afirma que “a gestão e o fornecimento eficaz de energia no Brasil são prioridades para a Vale, dadas as incertezas associadas às mudanças no ambiente regulatório e os riscos de aumento nas tarifas”.

Procurada, a Vale recusou-se a comentar.

Mas o presidente da companhia, Fabio Schvartsman, disse em evento em São Paulo nesta semana que a companhia tem buscado participar do que chamou de “transformação energética”.

“Estamos trabalhando na transformação de toda energia que a companhia consome em energia renovável, especialmente a energia elétrica”, afirmou o executivo, citando como exemplo a adoção de veículos elétricos carregados com energia eólica e solar.

Na apresentação, no entanto, o executivo não fez menção a um cronograma para a adoção da energia renovável em todas as operações.

Fonte: Reuters

Autor: Luciano Costa

Data: 05/10/2018



MAXTECH CRIA JOINT VENTURE PARA PESQUISAR MANGANÊS NA SERRA DO CIPÓ

A Maxtech Ventures (MVT) disse hoje (9) que assinou um contrato de joint venture para trabalhar com Daniel Geyerhahn Garcia, da Goldman Resources Brazil, e seus parceiros em vários direitos minerários de manganês no Estado de Minas Gerais

De acordo com um comunicado da mineradora canadense, essa joint venture vai explorar e avaliar o potencial para a aquisição de depósitos minerais não limitados ao manganês, mas também para vanádio e outros minerais estratégicos com Garcia, em Minas Gerais.

"Este acordo fornece a estrutura e a oportunidade para a Maxtech acessar projetos atualmente pertencentes ou atualmente em negociação. A aliança estratégica entre a MVT e os parceiros ajudará a acelerar os processos minerários com guias de utilização [...] para a próxima apresentação ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) do Brasil para consentimento de mineração em pequena escala [Guia] ou [concessão de] lavras que permita o desenvolvimento imediato do depósito mineral", diz em nota.

Segundo a Maxtech, os primeiros processos estão na Serra do Cipó, que faz parte da cadeia do Espinhaço. A mineradora diz que, com base nas informações obtidas em uma pesquisa geológica e apresentadas em um relatório de pesquisa pelos sócios de joint venture e arquivadas na autoridade de mineração do Brasil, a mineradora pôde verificar uma grande área com o potencial de ocorrências de mineralização de manganês.

"A Maxtech e os parceiros criarão um contrato operacional de gestão detalhando os termos de contribuições de capital pelas partes e responsabilidades das partes entre si e desenvolverão programas de exploração para cada ativo, bem como obterão parcerias *offtake* para cada programa de exploração bem-sucedido que leve a uma produção cenário", diz a mineradora em nota.

"Como eu disse anteriormente, continuar construindo uma equipe bem-sucedida e um portfólio diversificado de ativos no Brasil aumenta o potencial de encontrar recursos maiores em todo o Brasil e é essencial para o crescimento. À medida que nos aproximamos do último trimestre de 2018, o foco da Maxtech se concentrou na construção por meio da exploração e da aquisição de ativos minerais globalmente estratégicos", disse Peter Wilson, CEO da Maxtech, em nota.

Em abril, a Maxtech anunciou acordos com Garcia e Fabio Cardoso para o desenvolvimento de projetos de manganês em Goiás. Na semana passada, a mineradora disse que assinou uma carta de intenções (LoI, na sigla em inglês) para uma opção de compra de uma participação de 100% em direitos minerários de vanádio localizados em Emery County, Utah, nos Estados Unidos.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 09/10/2018



INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O SIMPÓSIO DO OURO E METAIS NOBRES EM MINAS GERAIS

Estudos do Conselho Mundial do Ouro (World Gold Council – WGC) apontam que a expansão da classe média na China e na Índia, combinada ao crescimento econômico mais amplo terá um impacto significativo sobre a demanda do ouro. Nesse contexto, a cidade de Belo Horizonte (MG) receberá nos dias 8 e 9 de novembro de 2018 o “Simpósio do Ouro e Metais Nobres em Minas Gerais”. Promovido pela Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), o evento conta com o apoio do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM). As inscrições estão abertas (www.sbg-mg.org.br) e as vagas são limitadas.

Os estudos apontam ainda que questões ambientais, sociais e de governança desempenharão um papel cada vez mais importante na remodelação de métodos de produção na mineração. A indústria mineral

deverá se reinventar para manter o volume de produção nos próximos 30 anos. E é nesse contexto que a SBG-MG promoverá uma série de debates relacionados ao assunto.

Temas como a importância do ouro como fator de desenvolvimento econômico da Europa (Inglaterra e Portugal), sua importância para a arte barroca, incluindo os 200 anos de Aleijadinho estarão em pauta. E, entre os principais aspectos econômicos que serão apresentados, está o questionamento do uso do metal como reserva de valor.

Além disso, a utilização nos setores de energia, saúde e tecnologia deverá continuar a evoluir ao longo das próximas décadas. Com a procura pelo minério em alta, já estão disponíveis aplicativos móveis para investimento em ouro, que permitem compras, vendas e investimentos em ouro, se desenvolverão rapidamente.

Marcelo Ribeiro Tunes, Diretor de Assuntos Minerários do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), afirma que estimativas do Instituto apontam que em 2017 foram produzidas no País 86 toneladas do metal. “O ouro é estratégico para a balança mineral brasileira e o consumo tende a crescer nos próximos anos. Estudar e estar atento a esse mercado é fundamental para os profissionais e estudantes ligados ao setor”, finaliza.

No evento, grandes entidades e empresas do setor geológico/mineral, como Serviço Geológico do Brasil, AngloGold Ashanti, Jaguar Mining e Kinross mostrarão um pouco mais sobre suas minas de ouro, assim como as novas fronteiras com seus aspectos geológicos, de lavra e beneficiamento. Também estará em pauta a indústria de joalheria, o licenciamento ambiental, prospecção, pesquisa além dos avanços nos métodos geofísicos e químicos.

Clique aqui e confira a programação do evento.

Serviço:

“Simpósio do Ouro e Metais Nobres em Minas Gerais”

Data: 8 e 9 de novembro de 2018

Local: Belo Horizonte (MG)

Informações: www.sbg-mg.org.br / sbgmg@sbg-mg.org.br / (31)3224.4097.

Fonte: Portal da Mineração

Data: 08/10/2018



SIMPÓSIO
DO OURO EM MINAS GERAIS

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOLOGIA
Núcleo
Minas Gerais

quinta-feira
8 de novembro

sexta-feira
9 de novembro

sbg-mg.org.br/simposio-do-ouro